

Aprovada na 948a. Sessão

ALADI/CR/Ata 945  
(Extraordinária)  
18 de outubro de 2006  
Horas: 15h a 15h50m

ATA DA 945ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA,  
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do Dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor David Choquehuanca Céspedes, Ministro das Relações Exteriores e Culto da República da Bolívia.

---

Preside:

PERLA CARVALHO SOTO

Assistem: Juan Carlos Olima, Ricardo Hartstein e Marcelo Fabián Lucco (Argentina), Marcelo Janko Alvarez, María Teresa Menacho Ríos e Carmiña Manrique Arduz (Bolívia), Bernardo Pericás Neto, José Humberto de Brito Cruz e Roberto Goidanich (Brasil), Oscar Quina Truffa (Chile), Claudia Turbay Quintero e Alfonso Soria Mendoza (Colômbia), Marielena Ruíz Capote e José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren (Equador), Perla Carvalho e Dora Rodríguez Romero (México), Marcelo Eliseo Scappini Ricciardi, Víctor Verdún Bitar e María Inés Benítez Riera (Paraguai), Eric Anderson Machado e Ricardo B. Romero Magni (Peru), Gonzalo Rodríguez Gigena, Linda Rabbaglietti, Jorge Luis Jure e Enrique Ribeiro Crestino (Uruguai), María Lourdes Urbaneja (Venezuela), Serguey Koshkin (Rússia), Michel Coquoz (Suíça); Rafael Julián Cedano (República Dominicana).

Secretário-Geral: Didier Operti Badán.

Subsecretários: José Rivera Banuet, Isaac Maidana Quisbert.

Convidados especiais: Mauricio Dorfler – Vice-Ministro das Relações Exteriores e Culto da Bolívia.

---

PRESIDENTA: Muito boa tarde. Iniciamos a Sessão 945ª, Extraordinária, do Comitê de Representantes, para receber a visita do Excelentíssimo Ministro das Relações Exteriores e Culto da República da Bolívia, David Choquehuanca Céspedes.

Senhor Ministro, senhores Representantes Permanentes, senhores Secretário-Geral e Subsecretários da ALADI, senhores Observadores, senhoras e senhores,

Em nome do Comitê de Representantes da Associação e no meu próprio, tenho a honra e a satisfação de dar as boas-vindas a esta sede da integração latino-americana, ao senhor Chanceler Choquehuanca.

Senhor Chanceler, vemos em seu país um importante precursor e apoio para avançar no caminho da integração latino-americana; com sua presença confirma-nos o interesse dado pela Bolívia às tarefas desenvolvidas pela ALADI.

Reconhecemos que sob a condução do senhor Presidente Evo Morales e segundo seu Ministro das Relações Exteriores, a Bolívia desenvolve uma estratégia ativa de inserção econômica internacional, privilegiando fundamentalmente os vínculos históricos de unidade com a América Latina.

Sua formação e seus estudos na área de humanas e seus antecedentes trabalhistas ligados ao Movimento dos Povos Indígenas dão-lhe uma sólida base para conduzir adequadamente esta etapa da política exterior boliviana que busca manter a identidade, a cultura e as raízes nacionais em sua articulação no âmbito internacional.

Apreciamos os esforços da Bolívia por concertar relações e compromissos externos, destacando com firmeza e orgulho as origens de seu país. Isso nos faz recordar a frase do ilustre filósofo mexicano José Vasconcelos, lema de nossa Universidade Nacional Autônoma do México: “Por minha raça falará o espírito”.

Sua visita é propícia para constatar que a Associação está trabalhando na conformação de um amplo Espaço de Livre Comércio no âmbito da ALADI, acordado pela Resolução 59, na Décima Terceira Reunião do Conselho de Ministros. Sendo instrumentado, esse ELC propiciará o crescimento das correntes de comércio e fomentará a produtividade e a competitividade, contribuindo, dessa forma, para melhorar as condições de vida da população em nossos países.

O Espaço de Livre Comércio é uma etapa fundamental no caminho para a criação de um mercado comum latino-americano, que constitui um dos objetivos do Tratado de Montevideu de 1980, pelo qual foi criada a ALADI.

Com nossas tarefas visamos atingir um acesso amplo e universal aos mercados, contar, para isso, com normas e disciplinas comerciais comuns, desenvolver a cooperação e coordenação nas demais matérias que complementam e potencializam o Espaço de Livre Comércio, reconhecendo nesse conjunto de atividades a necessidade de fortalecer o Sistema de Apoio aos Países de Menor Desenvolvimento Econômico Relativo da região.

A Décima Terceira Reunião do Conselho de Ministros da ALADI acordou, também, a Resolução 61, referente à Participação dos Países de Menor Desenvolvimento Econômico Relativo no Processo de Integração, focada em fazer um maior esforço em áreas específicas para o tratamento das assimetrias; a Associação dá especial atenção a sua instrumentação.

A existência de assimetrias entre nossas nações, plenamente reconhecidas, não deve constituir um obstáculo para conseguir uma integração profunda e de amplo alcance. Ao contrário, tem de ser um verdadeiro desafio a ser incluído na agenda da Associação.

Por meio dos esforços da Associação para fortalecer nossas economias no âmbito regional procuramos estar também em condições mais propícias de crescer melhor para fora. Estamos convencidos de que a participação da América Latina na economia mundial terá perspectivas mais favoráveis se contarmos com os benefícios da integração, redundando em uma maior fortaleza para enfrentar a concorrência internacional, cada vez mais complexa.

Há meio século, os países signatários do Tratado de Roma expressaram sua determinação para estabelecer os fundamentos de uma união mais próxima entre os países europeus, que hoje constitui um modelo bem sucedido. De forma quase simultânea, os países latino-americanos assinaram o Tratado de Montevideu, que constituiu a ALALC. No entanto, em nosso caso, não avançamos para realidades concordantes com nossas aspirações. Acelerar o andar, no presente, é o maior desafio e a maior responsabilidade de nossos governos.

A Associação reconhece que a multilateralização é o eixo de todas as ações da comunidade internacional, é por isso que parte de nossos trabalhos estão voltados para a convergência regional dos esforços existentes no âmbito bilateral ou plurilateral. No âmbito internacional, também compartilhamos com outras regiões do mundo em desenvolvimento o desânimo pela falta de resultados nas negociações da Rodada de Doha no âmbito da Organização Mundial do Comércio, que restauraria a confiança no contexto multilateral do

comércio e, como resultado, derivaria em relações econômicas internacionais mais justas e previsíveis.

Há diversas realidades que chamam para duplicar esforços com vistas a avançar no caminho da integração econômica regional. Apenas trarei à tona alguns dados para apresentá-las:

- Nos anos 50, a América Latina exportava 12 % do total mundial. Atualmente, nossas exportações apenas representam pouco mais de 5%.

- O total das exportações de serviços do conjunto da América Latina e o Caribe equivale às exportações realizadas pelo mesmo conceito por apenas uma parte da Itália.

- As exportações da América Latina para a própria região representam em torno de 18 % do total de seu comércio com o resto do mundo. As intra-asiáticas estão em torno de 35 % e as intra-européias, de 65 %.

O desafio da integração deve avançar além do âmbito puramente comercial para que nossos países desenvolvam políticas mais ativas do ponto de vista da oferta, sendo prioritário aproximar os setores produtivos, bem como os da educação, da ciência e da tecnologia para criar empresas e projetos conjuntos.

A esse respeito, devemos reconhecer o atraso existente quanto ao desenvolvimento tecnológico e a necessidade de reunir capacidades entre nossos países para mudar isso.

A Associação encontra-se comprometida a em uma reunião de esforços dos países-membros para dar significado ao processo atual de integração regional, com vistas a atingir avanços maiores que os atingidos no passado.

Os próprios Chanceleres que acordaram em 2004 formar o Espaço de Livre Comércio vão constatar os avanços até o presente, realizarão as adequações necessárias para acelerar o processo seguido e, em consequência, proferirão as medidas para reforçar o papel da Associação como principal marco institucional da integração regional.

Senhor Ministro, agradeço sua visita a nossa Associação e repito que apreciamos seu apoio e sua contribuição para as melhores causas da integração da América Latina.

Muito obrigada.

Outorgo a palavra ao senhor Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL: Obrigado, senhora Presidenta.

Senhor Ministro das Relações Exteriores da Bolívia, David Choquehuanca Céspedes, seja bem-vindo nesta Casa. Considerando a Instituição que Vossa Excelência representa, o valor e a oportunidade de sua visita são incontestáveis.

O compromisso da Bolívia com a integração, com a participação da temática social nos programas e planos de governo – incluídos também em nossas preocupações –, o valor da Bolívia como país de Menor Desenvolvimento Econômico Relativo, portanto, incluído em uma categoria especial de nosso Tratado de Montevideu 1980, e as ações de campo desenvolvidas nessa matéria, acarretam uma participação muito específica de seu país no âmbito da Associação.

O exaustivo discurso da senhora Presidenta exime-me de agregar novos comentários e creio que a Sala e nós temos também muita vontade de ouvir suas palavras. Portanto, reitero nossa gratidão por sua presença e nossas calorosas boas-vindas. Obrigado.

PRESIDENTA: Muito obrigada, senhor Secretário-Geral.

Agora tenho a honra de oferecer a palavra ao Excelentíssimo Ministro das Relações Exteriores e Culto da Bolívia, senhor David Choquehuanca Céspedes.

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA BOLÍVIA (David Choquehuanca Céspedes): Muito obrigado, senhora Presidenta. Cumprimento todos os presentes, Representantes junto à ALADI.

Disseram-me que tenho de estar na ALADI para partilhar experiências que estamos vivendo na Bolívia. Nós procedemos de uma cultura que tem se resistido durante 500 anos, de uma cultura com espírito integracionista. Nós sempre temos falado do *Abia Yala*, que não é ensinado nas escolas ou nos colégios, nunca nos ensinaram a respeito de nosso *Abia Yala*.

O *Abia Yala* tem símbolos, que têm existido durante 500 anos e este “Governo pela Vida” tem protagonistas centrais, que são os povos indígenas, que têm existido com seus valores e emergem novamente perante a crise dos valores do ocidente. Nós queremos partilhar esses valores que têm existido durante 500 anos e que permitem uma harmonia, uma vida harmônica, não apenas entre os seres humanos, mas entre o ser humano e a natureza.

É por isso que, em nosso programa de governo, nós não falamos em viver melhor, todos os programas de governo dizem isso. Na Bolívia falavam em viver melhor, procuram viver melhor, o desenvolvimento procura viver melhor, nós, os indígenas, não. Além do mais, nós, os indígenas não queremos que ninguém viva melhor, o que visamos é fazer novamente *khapaj*, voltar novamente a nosso caminho, a esse caminho de equilíbrio, a esse caminho de harmonia, não apenas das pessoas, mas entre os humanos e a natureza.

*Khapaj* significa, em quéchua, pessoa que vive bem; *kamire*, em aimará, é uma pessoa que vive bem; e *yambae*, em guarani, é uma pessoa que vive bem. Os aimarás, os guaranis, os quéchuas somos maioria na população da Bolívia, e essas maiorias resolvemos voltar a nosso caminho, voltar a ser *khapaj*, voltar a ser *kamiris*, voltar a ser *yambaes*. *Khapaj* é uma pessoa que vive bem. O que nós queremos é que novamente possamos todos voltar a viver bem, o que não é a mesma coisa que viver melhor.

Mentir não é viver bem. Não trabalhar não é viver bem. Explorar o próximo não é viver bem. Atentar contra a natureza não é viver bem. Possivelmente, atentar contra a natureza lhes permita viver melhor, ou explorar o próximo lhes permita viver melhor. Nós não queremos que alguém viva melhor, o que visamos é viver bem e quando falamos em viver bem, estamos dizendo que fazemos parte, somos apenas uma pequena parte, do cosmos. Fazemos parte da terra, da mesma forma que a folha faz parte da planta; os seres humanos fazemos parte de um todo, por isso é que os povos indígenas falamos do *Pachacuti*.

*Pachacuti* está ligada à palavra *Tacpacha*, possivelmente os senhores não possam entender algumas palavras. *Tacpacha* significa todos e tudo. Temos de pensar não apenas nos seres humanos, nós consideramos que tudo tem vida. Nós vivemos no colo da mãe terra, da *Pachamama*, somos criados pela mãe terra, vivemos no colo de nossa mãe

natureza. Alimentamo-nos do leite que nos oferece nossa mãe terra, que é a água. Uma planta alimenta-se do leite da mãe natureza, que é a água. Os animais alimentam-se do leite da mãe terra, que é a água. Todos nós fomos criados pela *Pachamama*, pela mãe natureza, portanto, somos irmão e pensamos neles todos, por isso falamos em *Tacpacha* e em *Pachacuti*. *Pacha* é o equilíbrio, *cuti* é o retorno.

Nosso planeta terra está ferido de morte. Nosso planeta terra entrou em um momento perigoso de desequilíbrio. Nós acreditamos que podemos voltar. Preocupa-nos a saúde da mãe terra. Preocupam-nos os chamados desastres naturais, que não são desastres naturais, mas desastres provocados pelo ser humano. Preocupa-nos a situação pela qual está passando nossa mãe natureza.

O desenvolvimento não apenas gerou grandes desequilíbrios, porque o que hoje está ocorrendo é resultado do desenvolvimento. Estamos vivendo as conseqüências do desenvolvimento, o desenvolvimento tem sido contra o desenvolvimento para muitos, porque o desenvolvimento visa viver melhor e conseguiu que uns quantos vivessem melhor. Para nós, para nossos povos, desenvolvimento significa “antidesenvolvimento”, por isso não concordamos com a idéia de viver melhor. O desenvolvimento tem gerado grandes desequilíbrios, não apenas entre as pessoas, entre os povos, mas no planeta terra. Portanto, precisamos voltar a nosso caminho, voltar a nos reencontrarmos com a mãe terra, começar a nos preocuparmos com a saúde de nossa mãe terra.

Felizmente, o ocidente tem percebido isso e está começando a falar do cuidado do meio ambiente; não falam apenas de desenvolvimento, estão começando a falar de desenvolvimento sustentável e, nos últimos tempos, também de desenvolvimento harmônico. Continuamos a falar de desenvolvimento, mas estamos progredindo. Destinam-se milhões e milhões de dólares para o cuidado do meio ambiente. Estamos bem, estamos progredindo, mas temos de trabalhar muito mais.

E na Bolívia, para levar adiante nosso programa, que nos permita um dia atingir a meta de viver bem, estamos em pleno processo de construir uma nova Bolívia, de construir não apenas uma nova sociedade; temos nossa Assembléia Constituinte que tem de nos permitir aos indígenas, não apenas construir uma nova sociedade, porque quando nos referimos a construir uma nova sociedade, é excludente, referimo-nos apenas às pessoas, aos seres humanos, não levamos em conta o todo.

Não levar em conta o todo não é viver bem e o que nós visamos é viver bem. A Assembléia Constituinte não tem que apenas nos permitir construir uma nova sociedade, erigir uma nova sociedade, tem de nos permitir construir uma nova vida. O que é mais importante para nós é a vida. Não estamos com o socialismo, não estamos com o capitalismo, não concordamos. Até hoje, nos foram oferecidos dois caminhos.

De um lado, o capitalismo, no qual o que é mais importante é a obtenção da mais-valia, o lucro, o dinheiro, o capital... no qual a vida não é importante. Do outro lado, o do socialismo, que procura a satisfação das necessidades cada vez mais crescentes, tanto materiais quanto espirituais do homem. Para o socialismo, o homem é o que é mais importante. Para nós, o que é mais importante não é o dinheiro, não é a obtenção da mais-valia, nem o homem. O que é mais importante para nós é a vida.

Por isso, a Assembléia Constituinte não tem apenas que nos permitir construir uma nova sociedade. Quando nos referimos a construir uma nova sociedade, apenas falamos das pessoas, e os senhores viram, lêem, há vários textos publicados a respeito do fato de que os indígenas viviam em harmonia com a natureza. O que nós queremos é atingir, não

apenas uma vida harmônica entre os povos, entre as pessoas, mas entre o ser humano e a natureza.

Na Bolívia, nós estamos em processos, vivemos momentos de mudanças, estamos em momentos de grandes desafios, queremos que os benefícios dos recursos naturais possam chegar ao povo, estamos levando um processo de nacionalização de nossos recursos naturais. Houve um saqueio sistemático de nossos recursos naturais durante mais de 500 anos. As autoridades nacionais anteriores foram cúmplices. Foram criadas leis para permitir o saqueio sistemático de nossos recursos naturais e nós e nossos povos dizemos que muitas das leis na Bolívia foram feitas para saquear nossos recursos naturais a partir da chegada dos espanhóis, desde a lei *mita*.

Quando os espanhóis viram nossa prata, o que foi que fizeram? Uma lei chamada “lei mita”, estabelecendo que todos os homens, dos 17 aos 57 anos de idade têm de trabalhar, obrigatoriamente, nas minas de Potosi milhões e milhões de nossos avós morreram trabalhando como escravos nas minas de Potosi. Mas não é apenas a lei mita; houve novas leis na Bolívia para saquear nossos recursos naturais. Seus pais fizeram a lei mita, seus filhos manipulavam os partidos políticos e fizeram outras leis. Somos um dos países mais ricos em recursos naturais, temos tudo.

Não temos apenas gás e petróleo, temos minérios, lítio, zinco. Temos infinitos minérios que nós próprios nem sabemos, i.e., não somos cientes das riquezas que temos. Temos água, temos recursos florestais, fizeram uma lei para saquear nossos recursos florestais, uma lei chamada lei florestal. Com essa lei saíram da Bolívia – isso foi publicado por alguns funcionários de organismos internacionais - 200, 300, 400 caminhões de madeira “mara” cada dia. Na Bolívia não temos apenas “mara”, temos quina, “moradillo”, carvalho, “ajibo”, temos qualquer quantidade de variedades de madeira.

Temos recursos minerais, e para roubar nossos recursos minerais fizeram uma lei, um código mineiro que permitiu o saqueio de nossos minérios e, dessa forma, fizeram várias leis na Bolívia para saquear nossos recursos naturais. Estamos em processo de recuperação; queremos que os recursos naturais possam beneficiar todos os bolivianos, mas não pensamos apenas na Bolívia, queremos compartilhar, estamos falando de integração, de integração energética. Ainda hoje de manhã, eu estive reunido com o Chanceler do Uruguai e discutimos, demos uma olhada, analisamos projetos de como nos beneficiarmos na região, como podemos nos integrar, atingir uma integração, não apenas energética, mas física, na educação, na saúde, no comércio.

Nós estamos convencidos de que isolados não chegaremos a lugar nenhum. Queremos partilhar, porém, quando iniciamos o processo de nacionalização, boa parte da mídia distorceu a informação, manifestando que não concordamos com os investimentos privados, que não concordamos com as empresas transnacionais. Nós precisamos de investimentos; o que nosso Presidente disse foi que não queremos patrões, queremos parceiros, não queremos que continuem a saquear nossos recursos naturais. O povo tem se mobilizado para defender seus recursos naturais. O povo tem se mobilizado para resolver, ele próprio. O povo tem se mobilizado para participar desses processos de mudança. O povo votou e elegeu uma Assembléia Constituinte, porque depois de muitos anos, depois de mais de 500 anos, nós temos a grande chance de agora resolver em que país queremos viver, como queremos que seja o modelo de gestão de recursos naturais para trabalhar com a plena participação dos movimentos sociais, com uma plena participação da sociedade civil.

Estamos levando adiante várias medidas, dentre elas, um processo de alfabetização. Há vários analfabetos na Bolívia. Isso tem prejudicado muitos de nossos irmãos, significando discriminação, exclusão. Governos anteriores não se preocuparam com isso; este Governo preocupa-se, para que todo boliviano possa ler e escrever, de forma que todo boliviano possa, então, participar, tenha a capacidade de analisar o que ocorre em volta, de recuperar sua identidade, de saber que nós, bolivianos, temos nossa história, uma história que não nos ensinaram nas escolas, que não são ensinadas nos colégios.

Não nos ensinam nas universidades que temos entre nossos antepassados grandes homens que chegaram muito longe e que podem nos ensinar muita coisa. Estamos em pleno processo de destapamento. Homens integracionistas, homens com uma visão que vai além da Bolívia. Estamos falando de Juan Chojne. Nunca ouviram a respeito de Juan Chojne aqueles que saíram das universidades, porque não era conveniente para o sistema que nós conhecêssemos seu pensamento. Não somos contra conhecer Mao Tse-tung, Lênin; nas universidades aprendemos a respeito deles, não da *Abia Yala*. Não concordamos. É importante conhecer estas experiências, precisamos conhecer o pensamento de Mao Tse-tung, de Lênin, de Gramsci, de Simón Bolívar, a história desses grandes homens, do Che Guevara, mas nós também temos grandes homens que possivelmente foram além do próprio Lênin: estamos nos referindo a Diego Caricari.

Nem na Bolívia é referido nas universidades. E quando nós nos referimos ao *romisonco*, isso gera risos, às vezes nas próprias universidades. Disseram-nos que estamos loucos, mas estamos falando de nossos símbolos, ultimamente temos levantado nossa *wiphala*. A *wiphala* é um *unanchawuy*, i.e., um código, não é uma bandeira, essa bandeira de muitos quadradinhos, uma bandeira quadrada que com certeza os senhores viram, de muitas cores, de sete cores, que tem vários quadradinhos. Os lados iguais significam que nós queremos construir uma sociedade de igualdade, e os quadradinhos do mesmo tamanho significa que todos nós somos apenas do tamanho que somos, e que a mulher não é inferior ao homem nem o homem é superior à mulher. O arquiteto não é superior ao pedreiro, a quem constrói uma casa, a que vem da roça. Nós chamamos de rebocados àquele que faz o reboco, pedreiro àquele que fez esta casa, o arquiteto a desenha, mas quem a constrói é quem vem da roça. Nós consideramos que o arquiteto não é superior ao pedreiro nem o pedreiro inferior ao arquiteto, nem superior. Eles complementam-se, e a *wiphala* nos diz que todos nós nos complementamos: o homem complementa-se com a mulher, e o ser humano complementa-se com a natureza, com a árvore. É por isso que nos começamos a questionar até a palavra liberdade.

Em nossas comunidades ninguém precisa ser livre, o ser humano não tem de se sentir livre, capaz de destruir a planta, porque a planta é nossa irmã, com a planta nos complementamos. Portanto, nossa luta vai além da liberdade. Queremos liberdade, mas queremos construir uma vida complementar, visamos o equilíbrio, antes que justiça, nós procuramos o equilíbrio. Disseram-nos que nós apenas visamos justiça social. Não, nossa luta vai além disso, buscamos uma vida equilibrada. Nossa luta vai além da liberdade, buscamos uma vida complementar. Nossa luta vai além da democracia, porque na democracia existe a palavra submissão, e submeter o próximo não é viver bem. Possivelmente permita a alguém viver melhor, mas isso não é viver bem. Submeter o próximo não é viver bem. Na democracia existe essa palavra, as maiorias submetem as minorias, ou as minorias submetem-se às maiorias. Não estamos contra a democracia, de fato, queremos aprofundar a democracia, queremos que um dia nós possamos resolver nossos problemas através do consenso.

Nossa *wiphala* nos diz que temos de decidir, temos que dar uma chance a todos e a todas e a tudo. Quando nos referimos ao consenso, não estamos nos referindo apenas às



pessoas, mas também às plantas, até as estrelas participam, até a lua participa. Quando nós fazemos nossas reuniões nas comunidades, fazemo-las desta forma, em círculo, e a folha da coca está presente. Aqui estão as plantas, mas estas planta estão morrendo. A folha está presente, e a lua está presente, porque nunca fazemos reuniões de transcendência quando a lua é minguante. Sempre fazemos nossas reuniões quando a lua é crescente, isso influi. Os senhores podem testá-lo. Se forem ao barbeiro quando é lua crescente, o cabelo vai crescer rápido; se forem na lua minguante, o cabelo não vai crescer rápido. Somos apenas uma pequena parte, apenas um ponto do cosmos e o cosmos influi em nosso comportamento e quando falamos em *Tajpacha*, referimo-nos a isso; e quando manifestamos que temos de tomar nossas decisões através do consenso, queremos dizer que temos de tomar nossas decisões com a participação de todos e de tudo.

Estamos em pleno processo de recuperação de nossos recursos naturais, estamos em pleno processo de recuperação de nossos valores culturais, estamos em pleno processo de recuperação de códigos, de princípios, de categorias. Nunca nos ensinaram nas escolas a respeito da *waki*, do *ayni* e nunca ouvimos, por exemplo, ainda aqui, talvez seja a primeira vez que ouçam a respeito do *seje*, que é uma categoria econômica que permitia nossas comunidades, nossas famílias, o sistema comunitário organizar economicamente cada lar de forma a suportar até 10 anos de seca, essa categoria econômica é o *seje*. Nossos avós organizaram economicamente cada lar com a categoria *seje*. Mas não pensavam apenas em cada lar, pensavam no que estava além do lar. Há outra categoria econômica, a *qöllqa*, que organizava várias famílias economicamente, mas não apenas isso, organizavam também povos, cidades inteiras com essa categoria econômica, a *qöllqa*.

Essas categorias econômicas existiram durante séculos. Nós já não as praticamos, mas estamos no processo de reconstrução dessas formas próprias de organização. Minha mãe morreu faz 14 anos; ela ainda praticava essa forma de organização econômica. Em casa nós tínhamos o *seje*. Depois que minha mãe morreu, nós, que somos sete irmãos, temos nos alimentado desse *seje*, desses depósitos de produtos durante 7 anos. Agora não temos mais *seje*, já não podemos sustentá-lo. Estamos nesse processo de reconstruir e há princípios como a *tama*, que é um princípio fundamental. A *tama* significa a grande família. A *tama* nos diz que todos nós pertencemos à grande família. Todos os seres humanos fazemos parte de uma grande família, mas não apenas os seres humanos, se incluirmos as plantas somos *wuawuatas* da Pachamama, criados da mãe natureza. A mãe natureza nos cuida e nós não nos preocupamos por ela.

Há outro princípio: como fazemos parte da *tama*, da grande família, há outro princípio que é complementar à *tama*, a *tumpa*, que significa controle obrigatório que há de existir entre todos nós. Já não nos preocupa o que é que acontece com nossos irmãos no México, já não nos preocupa o que ocorre com nossos irmãos no Canadá, já não nos preocupa hoje o que ocorre com nossos irmãos na Bolívia, já não nos preocupamos, mas nossa *wiphala* nos diz que temos de começar a praticar a *tumpa*, que temos de iniciar esse controle obrigatório que há de existir entre todos nós; e estes espaços são para isso mesmo, para pensarmos como nos integrarmos, como nos preocuparmos por outros povos, como ir adiante em conjunto.

O mundo já percebe que temos de começar a nos preocuparmos, não apenas com os problemas de nossas comunidades, não apenas dos problemas de nossas cidades ou de nossos países, mas que temos de começar a nos preocuparmos dos problemas que o mundo está encarando. Os problemas globais, problemas grandes, e isso é saudável. Eu auguro que este espaço possa se fortalecer, mas temos de começar a nos preocuparmos não apenas por nós próprios, temos que pensar além. Temos de deixar de pensar em nós próprios, temos de ir além de nossas fronteiras, temos de pensar em todos.

Podemos falar de tantas coisas a respeito da folha da coca. A coca é uma planta sagrada, faz parte de nossa cultura, é parte básica de nossa espiritualidade. A folha de coca tem muitas qualidades alimentícias, tem qualidades medicinais. Mas também sabemos que o ocidente trouxe esse mal que é a elaboração da droga. Nós não sabemos elaborá-la, são necessários precursores químicos que vêm de fora. Nós não produzimos esses precursores químicos, e este Governo disse que nós não vamos erradicar a folha da coca, porque significaria erradicar nossas raízes culturais, uma planta sem raízes morre e um povo sem identidade também está destinado a perecer, e a folha da coca faz parte de nossa cultura, é parte fundamental de nossas raízes culturais.

Por isso, este Governo estabeleceu uma estratégia boliviana de luta contra o narcotráfico, de luta contra as drogas, e estabeleceu, ao mesmo tempo, uma estratégia nacional de revalorização da folha da coca. Vou ler aos senhores uma anotação do momento quando falávamos da folha da coca e da droga. Versa assim: “faz centenas ou milhares de anos, nossos povos foram advertidos sobre as bondades e os perigos da folha da coca. Foi-lhes dito: a coca dará força e vida, tirará o sono e o cansaço, dará vitaminas e aliviará a fome e a sede, mas quando o ocidente quiser fazer a mesma coisa, obterá o resultado contrário: seu suco será vício repugnante e degenerante, o que para nós era alimento espiritual, gerará neles idiotice e loucura”. É uma lenda que foi escrita há anos.

Para nós a coca não é droga. Por isso queremos iniciar uma campanha internacional, divulgando o que faz parte de nossa cultura e as qualidades medicinais e alimentares da coca, e vamos pedir à OMS que desenvolva uma pesquisa científica. Queremos que seja desenvolvida essa pesquisa e, melhor ainda se for feita por um organismo internacional, para que possa ser divulgada, para que possam ser conhecidas as qualidades alimentícias e medicinais desta planta sagrada.

Temos um desafio nas próximas semanas: concretamente, entre 8 e 9 de dezembro, na cidade de Cochabamba, teremos uma reunião, a Segunda Cúpula de Presidentes da Comunidade Sul-Americana de Nações, para a qual nosso Presidente encaminhou uma carta que trata deste mesmo assunto que eu estou tratando agora. Queremos uma América do Sul sem analfabetismo, sem desnutrição. Milhões e milhões de seres humanos morrem por doenças normalmente com cura.

Temos de começar a encarar todas essas situações nestes âmbitos. E pensar como podemos nós, desde estes âmbitos, contribuir para que um dia todos, não apenas na Bolívia, todos possamos atingir esse “viver bem”. Queremos partilhar isso com os senhores: temos que visar um “viver bem” e não continuar, porque o desenvolvimento visava viver melhor e conseguiu que uns quantos pudessem viver melhor e muitos, muitos vivessem pior. Simplesmente visamos um “viver bem”.

Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTA: Muito obrigada, senhor Chanceler, por suas palavras.

Eu gostaria de convidá-lo a assinar o Livro de Visitantes Ilustres desta Associação.

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA BOLÍVIA (David Choquehuanca Céspedes): Muito obrigado.

- O Chanceler assina o referido livro.

PRESIDENTA: Por favor, agora vamos entregar a Vossa Excelência uma bandeja comemorativa de sua visita à Associação.

- A Presidenta do Comitê e o Secretário-Geral entregam a bandeja.

PRESIDENTA: Os senhores Representantes Permanentes podem se aproximar para tirarmos a fotografia oficial com o Chanceler.

Encerra-se a Sessão.

---